

Narrativas de educadoras populares: contribuições dos movimentos sociais para a educação

Narratives of popular educators: contributions of social movements to education

Narrativas de educadoras populares: contribuciones de los movimientos sociales a la educación

Ingrid Mara Souza Oliveira¹
Tiago Zanquêta de Souza²

¹ Pós-graduação em Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Graduada em psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE) e historiadora pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Psicóloga (CRP 04/79425). Técnica em medida socioeducativa na Casa de Semiliberdade de Uberaba (MG), desenvolvendo atividades voltadas ao acompanhamento psicosocial de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. É pós-graduanda em Psicologia Analítica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP) e em Políticas Sociais e Questão Racial pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). **E-mail:** ingridmaraso.psi@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0003-2549-9370>

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e professor do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, ambos da UNIUBE. Pesquisador e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília (UCB). **E-mail:** tiago.zanqueta@uniube.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2690-4177>

Resumo: Este trabalho aborda a contribuição dos movimentos sociais para a educação, com ênfase nas narrativas de educadoras populares, e está vinculado ao projeto Pesquisa, formação e intervenção na educação: estudos em contextos educativos escolares e não escolares, com bolsa Uniube. O objetivo é descrever as contribuições dos movimentos sociais para a educação e identificar teorias educacionais nos e para os movimentos sociais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa em educação e recorre a metodologias de compartilhamento de saberes, como a oralidade e as experiências vivenciais. Neste sentido, para a produção dos dados, realizou-se uma entrevista com uma educadora popular. O material reunido foi construído coletivamente e submetido à análise interpretativa, embasada em referenciais teóricos provenientes de artigos científicos publicados nos últimos dez anos sobre a temática. Os resultados indicam que a educação popular constitui uma importante ferramenta de fortalecimento social, na medida em que busca tensionar as estruturas de poder e promover a transformação social e a justiça social.

Palavras-chave: entrevista; educação popular; experiência.

Abstract: This study addresses the contribution of social movements to education, with an emphasis on the narratives of popular educators, and is linked to the project Research, training, and intervention in education: studies in educational contexts, both school-based and non-school-based, supported by a Uniube scholarship. The objective is to describe the contributions of social movements to education and to identify educational theories within and for social movements. The research adopts a qualitative approach in education and draws on knowledge-sharing methodologies, such as orality and lived experiences. In this regard, data production involved conducting an interview with a popular educator. The material collected was collaboratively constructed and subjected to interpretive analysis, grounded in theoretical references from scientific articles published over the past ten years on the topic. The findings indicate that popular education constitutes an important tool for social empowerment, as it seeks to challenge power structures and promote social transformation and social justice.

Keywords: interview; popular education; experience.

Resumen: Este trabajo aborda la contribución de los movimientos sociales a la educación, con énfasis en las narrativas de educadoras populares, y está vinculado al proyecto Investigación, formación e intervención en la educación: estudios en contextos educativos escolares y no escolares, con beca Uniube. El objetivo es describir las contribuciones de los movimientos sociales a la educación e identificar teorías educativas en y para los movimientos sociales. La investigación adopta un enfoque cualitativo en educación y recurre a metodologías de intercambio de saberes, como la oralidad y las experiencias vivenciales. En este sentido, para la producción de los datos, se realizó una entrevista a una educadora popular. El material reunido fue construido colectivamente y sometido a un análisis interpretativo, fundamentado en referentes teóricos provenientes de artículos científicos publicados en los últimos diez años sobre la temática. Los resultados indican que la educación popular constituye una importante herramienta de fortalecimiento social, en la medida en que busca tensionar las estructuras de poder y promover la transformación social y la justicia social.

Palabras clave: entrevista; educación popular; experiencia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se dedica a explorar as contribuições dos movimentos sociais para a Educação Popular, destacando sua relação intrínseca e histórica, tendo em vista que ambos desempenharam e ainda desempenham papéis significativos na luta por direitos, justiça e transformação social. A educação popular surge como uma abordagem pedagógica que valoriza o conhecimento e a experiência das pessoas comuns, com o objetivo de promover a conscientização, a participação cidadã e a emancipação. Por outro lado, os movimentos sociais representam expressões coletivas de grupos organizados em torno de causas comuns, como movimentos de trabalhadores, movimentos negros, feministas, indígenas, LGBTQIA+, qui-lombolas, entre outros.

Para tal pesquisa, foram elencados os objetivos anunciados, com a finalidade de desenvolver habilidades para a produção e a análise de dados a partir de narrativas de educadoras populares, bem como descrever suas contribuições, visando identificar teorias educacionais nos/dos e para os movimentos sociais¹.

Com o propósito de alcançar os objetivos propostos, foi adotada como metodologia a revisão bibliográfica de artigos científicos publicados nos últimos cinco anos, selecionados a partir de buscas realizadas na base de dados SciELO. Esse levantamento propiciou um estudo do estado do conhecimento acerca da temática. Este estudo foi publicado como capítulo de livro intitulado *Contribuições dos Movimentos Sociais para a Educação: um estudo do estado do conhecimento*, que compõe o e-book *Educação Antirracista em Movimento: práticas, culturas e reflexões*, Volume 1, organizado por Melo e Fonseca (2024).²

¹ Trata-se de pesquisa a nível de iniciação científica vinculada ao projeto de pesquisa intitulado Pesquisa, formação e intervenção na educação: estudos em contextos educativos escolares e não escolares, e ao subprojeto Educação na diversidade para a cidadania: um estudo de processos educativos e formativos escolares e não escolares, com auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) –APQ-01387-22.

² Este livro é um desdobramento das ações propostas pelo projeto Wiki Afro Edutech-Ensino de História Antirracista no Universo, desenvolvido como Projeto de Iniciação em

A pesquisa supracitada embasou a análise da entrevista conduzida com a educadora popular Gláucia Adeniké, cuja finalidade foi obter conhecimento através de suas experiências vivenciadas, permitindo-nos compreender como ela percebe sua prática dentro dos movimentos sociais e como essas práticas têm contribuído para sua atuação na área da educação.

Para uma melhor compreensão da pesquisa, o trabalho foi estruturado em eixos norteadores, tais como os movimentos sociais, a educação popular e o produtivismo acadêmico, assuntos que também foram recorrentes nas falas da entrevistada. Ao fim, seguem as considerações finais e referências bibliográficas.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

As experiências narradas, analisadas, compreendidas e interpretadas são de uma mulher de 67 anos, participante de movimentos de resistência às teorias e práticas desumanizadoras desde a década de 1970. No início da prosa, a educadora popular Gláucia Adeniké manifestou alegria e contentamento por participar de um momento não marcado por perguntas e respostas, mas por diálogos. O diálogo foi se estabelecendo como conteúdo e método da investigação, atravessando a narrativa refletida da educadora sobre si e sobre os(as) outros(as), trazidos(as), também, como sujeitos das experiências narradas. Afinal, trazemos as “[...] histórias porque finalmente as vidas humanas necessitam e merecem ser contadas” (Ricoeur, 1983, p. 19).

Essas narrativas foram provocadas pelo desenvolvimento de um processo investigativo, de natureza qualitativa³, sobre a temática “educação

Desenvolvimento Tecnológico (Pibit) aprovado no Edital Socialize-se nº 4/20203 Agitte/Posgrap da Universidade Federal de Sergipe (UFS), coordenado pela professora Janaína Cardoso de Melo, com coordenação adjunta da professora Mariana Bracks, ambas do Departamento de História da UFS.

³ Trata-se de vínculo com o projeto guarda-chuva intitulado: Pesquisa, formação e intervenção na educação: estudos em contextos educativos escolares e não escolares, e ao subprojeto: Educação na diversidade para a cidadania: um estudo de processos educativos e formativos escolares e não escolares, com financiamento da instituição de vínculo da autora e do autor, ligados ao Grupo de pesquisa formação docente, direito de aprender e práticas pedagógicas (Fordapp/CNPq). Tem financiamento, também, da Fundação de

em contextos escolares e não escolares". Optamos por apresentar, neste texto, parte dos resultados da referida pesquisa, privilegiando a análise das narrativas da educadora popular em questão.

Conforme Ecléa Bosi (1987, p. 55), o sujeito, ao narrar a vida, dela se apropria, refazendo os caminhos vividos, o que é mais do que "revivê-los", pois a história narrada "[...] não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu" (Bosi, 1987, p. 69). Nisso reside a possibilidade de pensar outros modos de ser e estar no mundo, por meio da convivência, que rememora o passado e o incorpora como vivido no presente.

Nesse processo investigativo, de natureza qualitativa, conforme Bogdan e Biklen (1994), as opções metodológicas feitas decorreram do compromisso com o estabelecimento de relações não hierarquizadas entre as pessoas, a produção e a compreensão partilhadas de possibilidades de entendimentos sobre as experiências narradas. As narrativas foram gravadas, transcritas, lidas e analisadas, visando compreender, através da escuta, leitura e elaboração, as experiências apresentadas. A partir das análises, os conteúdos apresentados se tornaram eixos norteadores da pesquisa: movimentos sociais, educação popular e produtivismo acadêmico.

3 VOZES DA EXPERIÊNCIA – ANÁLISE DA ENTREVISTA

A educação popular tem seu nascedouro junto aos movimentos sociais. A inserção da educação nesses movimentos e em organizações populares proporciona experiências práticas e aprendizado sobre as questões sociais e educacionais das comunidades. Por meio do engajamento nessas organizações, os educadores sociais podem aprender sobre as demandas e necessidades das populações marginalizadas e desenvolver habilidades de atuação e mobilização social. Segundo Catini (2021, p. 5), Paulo Freire destaca o papel da alfabetização na democratização de uma sociedade, onde educadores populares atuam visando processos efetivos de mudança, abrindo campos de possibilidades para a participação política da população. Quando indagada, Gláucia se questiona sobre

Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

[...] *O que é ser uma educadora popular? A gente acaba sendo sem saber que é uma educadora popular, né? A gente, depois que a gente cria essa consciência, desde jovem eu tive a preocupação de estar no coletivo, defendendo os nossos interesses, principalmente vivendo em bairro com muita dificuldade, de luz, de água, de esgoto. Então, eu penso que nessa construção da luta pelos direitos, principalmente em casa, a gente acaba envolvendo com a comunidade, envolvendo com as lutas cotidianas da população, e você traz essa experiência ao longo da sua vida. Então, desde jovem, eu comecei a desenvolver atividade coletiva com a juventude católica, em benefício da comunidade, e depois com a associação de moradores, que é uma luta coletiva também, e nesse processo outros momentos foram acontecendo. Então, eu penso que ser uma educadora popular é partir do respeito do conhecimento da comunidade e também do conhecimento produzido pela ciência, né? Porque você, ao longo da vida, você vai aprendendo e reprendendo sua ação, e a comunidade tem muito a ver com isso. Depois eu aprendi a conhecer educadores como Paulo Freire e outros, ajudando a entender essa prática transformadora que nós vivemos na sociedade, que a luta cotidiana são as conquistas e, ao mesmo tempo, é o seu aperfeiçoamento enquanto pessoa e como ser humano, de você, às vezes, não ter aquela necessidade direta, mas você luta junto com outras pessoas que estão vivenciando aquela necessidade, então passa a ser a sua luta também. Eu penso que, talvez, seja essa ação de incorporar vários valores que tem na sociedade, tanto aquela produzida pelo coletivo da sua comunidade como também nas produções científicas que, ao longo da vida, você vai tendo acesso e vai se aperfeiçoando também [...] (educadora popular Gláucia Adeniké).*

Podemos perceber nas falas da professora Gláucia que os educadores populares incentivam a reflexão crítica sobre as estruturas de poder e as desigualdades presentes na sociedade. Eles ajudam as pessoas a entendem as causas e as consequências das desigualdades sociais, bem como a identificar e questionar as formas de opressão e injustiça, pois, segundo Catini (2021, p. 6), “[...] em seu método, pulsa a noção de que ‘a miséria e seu cimento, o analfabetismo, não são acidentes ou resíduo, mas parte integrada no movimento político da dominação do capital’”. Movimentos sociais que envolvem a educação promovem uma consciência social e política, capacitando as pessoas a agirem de forma coletiva e engajada na busca por mudanças sociais.

Segundo Conceição Paludo (2001), o início da modernidade brasileira, marcado por fortes lutas pela libertação dos escravos e por um nascente movimento operário hegemonizado pelos socialistas, agrupa, com sua teoria e suas práticas, elementos relacionados, por exemplo, à busca por condições dignas de vida ou à afirmação de identidades, que vão nutrindo uma experiência educativa com viés popular (*apud* Cordeiro; Fischer, 2021, p. 3).

Educadores populares fornecem ferramentas e conhecimentos para que a comunidade possa se expressar, participar ativamente nas decisões que afetam suas vidas e exercer sua cidadania de forma plena. Isso inclui desenvolver habilidades de liderança, estimular a organização comunitária e fortalecer a voz e a agência das pessoas para que possam reivindicar seus direitos e lutar por condições mais justas e igualitárias. Uma dessas ferramentas seria se reconhecer enquanto pertencente àquela comunidade, reconhecer-se dentro do movimento e se reconhecer e se entender como um agente de mudança social. Nesse sentido, Gláucia relata:

[...] Ontem passou um documentário na Globo sobre vidas negras, e entre os personagens teve uma fala que me chamou atenção, foi uma frase que um dos atores disse que ele só descobriu que não era branco depois que as pessoas disseram pra ele que ele não era branco, porque, quando ele era criança, ele sempre tinha visto as pessoas iguais, então, ele não sabia que ele era negro. Então, o que que é que fez que ele sentisse que ele não era igual a outra pessoa, que até o momento da sua vida você acha que você é igual a todos, e quando você começa a comparar que você não tem determinados bem sociais, que você não tem o mesmo tratamento, que você não tem oportunidade, que você não tem direito, quando começa adquirir essa consciência, você percebe que a sociedade é desigual, começa te tratar diferentemente, tanto do ponto de vista da concepção que vai se criando, que quem merece ser bem tratado é quem tem dinheiro, quem mora num bairro melhor, quem mora no centro da cidade, quem não é negro, indígena, quem... Você começa criar estereótipos de diferença entre os seres humanos, e na medida que você vai criando isso, você vai, a sociedade vai ficando mais desigual, porque se a pessoa não tem a religião que o poder colocou como uma religião que você respeita, você já é tratado de uma forma diferente, igual religiões de matrizes africanas, o tanto que é difícil você fazer essa discussão nas escolas. Por exemplo, esse mês de novembro, quando eu comecei a trazer pra escola essa

questão das desigualdades raciais e de gênero, colocando sobre as religiões de matrizes africanas, como nós estamos lidando com atividades remotas, várias famílias retiraram a participação das crianças por WhatsApp. Então, isso quer dizer o quê? Que é uma sociedade desigual, há uma desigualdade de tratamento, uma discriminação que você tem consciência quando você percebe a inclusão ou a exclusão das pessoas em determinados espaços da sociedade. Então, eu vejo que, como disseram, principalmente no país, quando você divide as terras para as grandes famílias, família que você considera com direito de ter terras, e deixa outras pessoas sem terra, quando você tem garantias de alimentação para um determinado grupo e outro grupo não tem direito à alimentação, quando você determina que um grupo pode morar em favela em situações ambientais e estrutura em piores condições, enquanto o outro tem tudo, então você cria as desigualdades. Isso é um projeto, é um projeto político, é um projeto de estado, é um projeto institucional que você inclui ou exclui as pessoas de acordo com seus interesses (educadora popular Gláucia Adeniké).

A educação popular tem como objetivo central enfrentar as desigualdades sociais, proporcionando oportunidades de aprendizado e empoderamento para as pessoas marginalizadas e excluídas da sociedade. Os educadores populares trabalham para garantir o acesso à educação para todos, especialmente para aqueles que estão em situação de desproteção social. Um dos principais idealizadores da educação popular é o professor Paulo Freire, que, desde 1960, liderou o movimento

[...] a partir do nordeste brasileiro e que se espalharia pelo Brasil e por outros países, que começa a ganhar envergadura a formulação de uma pedagogia preocupada com a formação das classes populares. As contribuições teóricas do autor – que tem sua expressão mais importante na obra Pedagogia do Oprimido, publicada por primeira vez em 1968 – levam Freire a se tornar o principal idealizador e um dos principais inspiradores, na atualidade, da Educação Popular, enquanto uma das concepções de educação do povo (Paludo, 2010 *apud* Cordeiro; Fischer, 2021, p. 3)

Eles desenvolvem estratégias e projetos educativos que são inclusivos e adaptados às necessidades e realidades dos grupos marginalizados, permitindo que essas pessoas tenham acesso a conhecimentos e habilidades que lhes permitam transformar suas vidas.

As desigualdades sociais, raciais, de gênero, acontecem a partir do planejamento das instituições públicas, das diretrizes institucionais de governo que inclui ou exclui as pessoas. Então, eu penso que o processo das desigualdades, elas estão estruturadas de uma forma que a sociedade não se organiza para que desigualdade, ela seja eliminada, dificilmente ela vem de cima. Então, por isso que a gente está nos movimentos sociais, por isso que existem movimento de mulheres que luta pela inclusão, pela cidadania, pelos direitos, são excluídas da produção do conhecimento, da produção da riqueza produzida na sociedade. A população negra, indígena, que também, ao longo do processo, foram deixados de lado, e não houve essa distribuição, essa distribuição da riqueza pra essas pessoas. São pessoal sem teto, como eu disse, que não tem moradia, não tem aonde morar. Então, essas desigualdades, elas são fruto de ações e de políticas quando você governa, quando você estrutura, quando você organiza a sociedade. Pra quem você governa? Quais são seus propósitos? E, do outro lado, as pessoas, quando têm consciência dessa desigualdade de tratamento, de direito e de oportunidade, elas buscam alternativas coletivas, inclusive de enfrentamento a essa situação. E, no meu caso, enquanto mulher e mulher negra e pobre, foi isso que a gente vem construindo desde jovem na luta com a associação de moradores, com a juventude, em instituições não governamentais em movimentos sociais, mesmo tendo consciência que os resultados nem sempre são resultados que imediatamente acontece de mudança na sua vida. Eles demoram, às vezes, uma eternidade, mas você tem consciência que você está fazendo o melhor que você pode oferecer e também não está sozinho nessa luta. Então, na medida que você percebe que as pessoas que pensam como você e que tem projetos numa sociedade mais justa de eliminação da desigualdade, você vai se fortalecendo nessas reivindicações e nesses movimentos de mudança, de transformação (educadora popular Gláucia Adeniké).

Segundo a entrevistada, o movimento feminista negro desempenhou um papel fundamental no fortalecimento da educação popular no Brasil, conduzindo questões de gênero, raça e classe para o centro do debate educacional, trazendo à tona as experiências específicas das mulheres negras, que historicamente foram invisibilizadas e excluídas dos debates sobre educação. Ao destacar as vozes e as vivências das mulheres negras, esse movimento contribuiu para a construção de uma educação mais inclusiva e sensível às diferentes realidades das mulheres negras no Brasil.

Hoje, o movimento está presente em quase todos os estados brasileiros, atuando nas frentes campesina, estudantil e territorial, e tem como tripé organização, formação e luta. Possui três setores, a partir dos quais organiza a luta: negros e negras; diversidade sexual e de gênero; e mulheres. Em atuação nas esferas nacional, estadual e municipal, estrutura-se a partir de células em bairros de periferia e em instituições educativas, como, por exemplo, escolas secundaristas e universidades. Promove ações de formação a partir de acampamentos nacionais e estaduais e diversos cursos e escolas de formação sobre a realidade política e econômica brasileira (Lucena; Caramelo; Silva, 2019, p. 298).

A articulação com outros movimentos contribuiu para a construção de uma frente de luta mais ampla, que busca enfrentar de forma conjunta as desigualdades sociais e promover uma educação mais justa e igualitária.

Boa parte de nós, mulheres negras, também fomos pra parte dos políticos, nós fomos pros movimentos sociais, nós fomos pra outros grupos organizados, pra que a gente pudesse também fortalecer a nossa luta. Então, eu penso que o movimento sem-teto foi um movimento que cresceu bastante, além do movimento negro e das mulheres negras. Você vem nessa conjuntura com muito mais assentamento, as pessoas buscando o direito à terra, moradia, você, a população negra, quilombola, com a titulação das terras. Então, começa a organizar e fortalecer o movimento dentro das comunidades quilombolas e ribeirinhas, com direito a ressarcir aquilo que já era deles, exigir que o estado repassasse. Então, ficou também um movimento muito forte e também um movimento de mulheres como um todo, sem ser as mulheres negras, mas as mulheres num campo democrático, um campo antirracista, um campo capitalista, essas mulheres também, independente da sua cor, começaram a se organizar e se fortalecer nesses últimos anos, haja vista a gente fazer parte da Marcha Mundial de Mulheres, que começou em 2000 e agora só em 2020 que as pessoas tem consciência do que é essa Marcha Mundial de Mulheres. Quer dizer, um trabalho contínuo, firme, dessas mulheres que conseguiram organizar no mundo todo, e as mulheres negras, a partir das organizações das redes internacionais contra violência das mulheres e pelo direito à cidadania. E, também, outro movimento que se fortaleceu, que eu faço parte, é o movimento de Promotoras Legais Populares, que também estava invisível na sociedade. Quando Djamila Ribeiro fala: ‘Eu sou uma promotora legal popular’, ela está dizendo o seguinte,

que ela está presente no movimento pelos direitos, pelos direitos da população negra, mesmo como educadora, como professora, como uma pessoa referência na academia, ela é uma promotora legal popular. ‘Eu sou uma promotora legal popular’, a gente se encontra, se encontra no movimento que antes era negado à população (educadora popular Gláucia Adeniké).

O reconhecimento como educador popular também está relacionado à reflexão crítica sobre a própria prática e aos princípios e valores que norteiam o trabalho educativo. Os educadores populares buscam uma atuação comprometida com a transformação social, a justiça social e a participação popular, promovendo o diálogo, a horizontalidade e a construção coletiva do conhecimento.

Defendemos, portanto, que o educativo é um processo amplo que ocorre ao longo da vida, pois as experiências vivenciadas pelos sujeitos propiciam aprendizagens. Desse modo, de acordo com Cavaco (2008), as experiências podem ser entendidas como processo – quando dizem respeito a um conjunto de acontecimentos que ocorrem ao longo da vida, de acordo com uma linha temporal que vai construindo o indivíduo – e como produto, ao estarem relacionadas aos modos de ser, de pensar e de fazer constituídos ao longo da vida (Lucena; Caramelo; Silva, 2019, p. 295).

Além desses aspectos, é importante ressaltar que o reconhecimento como educador popular também é atribuído pelas próprias comunidades e grupos com os quais os educadores sociais trabalham. É a partir do diálogo, da confiança e do reconhecimento mútuo que os educadores sociais se afirmam como educadores populares. Gláucia ressalta que

[...] o que diferencia a sua educação popular de outros, eu acho que isso tem um significado quando você tem um projeto de vida, quando você tem uma consciência de cidadania, de direitos humanos, de você fazer e ser entendida, de você ouvir também, bastante. Muito mais do que você, como que eu diria, você ter as suas verdades e tentar impor essas verdades que você defende é você, ao longo da vida, aprender a fazer essa transição dessas experiências, esse diálogo, essa mistura, de você ter e outros espaços acontecerem na sua vida e, ao mesmo tempo, ter a sua ligação com a sua comunidade, e aí é interessante que esses dias nós tivemos (educadora popular Gláucia Adeniké).

Para além das formações acadêmicas, a construção de saberes locais e a sensação de pertencimento à comunidade são indispensáveis, pois reconhecem e valorizam os saberes e as experiências das comunidades em que atuam. Eles promovem uma abordagem de educação que valoriza os conhecimentos locais, as práticas culturais e as formas de organização comunitária. Isso contribui para fortalecer a identidade e a autoestima das pessoas, além de gerar uma educação mais contextualizada e relevante para as realidades locais, pois:

A educação é um processo amplo que ocorre nos mais variados espaços sociais. Quando criança, aprendemos em meio à família, na escola e com a comunidade onde residimos saberes necessários à vida em sociedade. Quando adultos, os saberes e aprendizagens são adquiridos em outras instituições formais de educação, mas também no trabalho, na festa, no supermercado, entre outros lugares (Lucena; Caramelo; Silva, 2019, p. 293).

Segundo Gláucia,

Atualmente, eu estou especialista da educação numa escola de um bairro, que eu fui pra lá com 11 anos de idade e hoje eu estou com 66 anos de idade. Aí, a escola, ao meu ver, ela teve momentos de pessoas, de educadores, com grande interesse na escola e teve momentos que as pessoas abandonaram. E aí, a maioria diz que as pessoas abandonaram porque não era da comunidade, aí eu fiquei, porque eram pessoas que vinham de fora para escola e não tinham aquele afeto, não tinham aquele compromisso, aí eu fiquei pensando: O que é ser da comunidade? O que é você ser um educador da comunidade? Você precisa morar na comunidade? Ou você precisa respeitar aquele grupo, aquela população, aquelas pessoas que estão ali e você ter o seu compromisso como educador e educadora com aquela comunidade? Então, o pertencimento, eu penso que parte da sua visão de mundo, do seu compromisso e de você estar ligado às causas sociais, humanas, estar ali, junto com a população (educadora popular Gláucia Adeniké).

No que diz respeito à formação de educadores populares e da construção de saberes sociais, a universidade pode ser uma aliada e participante ativa do processo, uma vez que percebemos o potencial da academia de realizar pesquisas e produzir conhecimentos que possam subsidiar a

prática dos educadores populares. Por meio de estudos e investigações, a universidade pode fornecer evidências e reflexões críticas que auxiliem na compreensão dos desafios e na busca de soluções para as questões enfrentadas pelos educadores populares.

O paradigma epistemológico racionalista elegeu instituições formais de educação – tais como as escolas e universidades – como o meio a partir do qual o conhecimento é difundido e disseminado. Em tais instituições, a elaboração do conhecimento segue um protocolo metodológico específico, baseado em uma lógica racional da ciência pragmática e utilitarista, que atribui comprovação a este conhecimento na percepção das comunidades em que é produzido, sendo, em consequência, legitimado na sociedade mais alargada na qual é disseminado (Lucena; Caramelo; Silva, 2019, p. 295).

A formação acadêmica pode oferecer aos educadores populares uma base teórica sólida, permitindo que compreendam os fundamentos, os conceitos e as teorias relacionados à educação, à sociologia, à psicologia, à antropologia e outras disciplinas relevantes. Essa fundamentação teórica amplia a compreensão dos educadores populares sobre os contextos sociais, culturais e políticos em que atuam, ajudando-os a analisar criticamente as estruturas de poder, desigualdades e opressões presentes na sociedade.

[...] *A academia tem muito a nos ajudar porque é uma soma, não tem como a gente separar. Muita gente coloca assim: ‘Nossa, mas por que que você não se dedicou mais? Não fez um mestrado, um doutorado?’.* Aí eu falei: ‘Ué, teve um momento da minha vida que até era o meu projeto, mas a gente também tem o projeto de não ser, né?’. *E você pra estar na militância, tem que se dedicar a uma militância popular, de estar ali 48h. Como diz o outro, você no movimento, e eu tenho o maior prazer de estar no movimento, é minha vida, é minha vida. Não sei se eu conseguiria ficar fechada por muito tempo e também não foi minha trajetória. Minha trajetória foi para minha ação intelectual, ativista, militante, dentro dos movimentos sociais, não foi dentro da academia, acho que são papéis diferenciados* (educadora popular Gláucia Adeniké).

Entretanto, a academia também pode se tornar um espaço segregatório. Em alguns casos, pode ser excessivamente focada no conhecimento teórico e distanciada das demandas e realidades concretas dos educadores

populares. Isso pode criar uma lacuna entre o conhecimento acadêmico e as práticas e saberes populares, dificultando a aplicação efetiva desse conhecimento na prática educativa.

Neste modelo, a educação aparece como dependente e legitimadora da sociedade na qual se encontra. Na perspectiva crítico-reprodutivista, o autor descreve o problema da marginalidade como parte da sociedade, resultante da forma como está estruturada. Quanto ao papel da educação, cabe garantir a manutenção da estrutura social, na qual está subordinada. Complementando, Saviani (2012, p. 16) chama a atenção para o fato de que, em sua origem, a escola enquadrava-se como capaz de equalizar a sociedade, ou seja, '[...] atualmente se torna cada vez mais discriminadora e repressiva. Todas as reformas escolares fracassaram, tornando cada vez mais evidente o papel que a escola representa: reproduzir a sociedade de classes e reforçar o modo de produção capitalista' (Vieira; Castaman; Junges, 2021, p. 257).

A universidade, historicamente, valoriza certas formas de conhecimento e desvaloriza outras. Os saberes populares, construídos a partir das experiências das comunidades, nem sempre são reconhecidos e legitimados pela academia. Isso pode gerar desigualdades e subvalorização dos conhecimentos dos educadores populares, limitando a construção conjunta de saberes. Neste mesmo contexto, a academia pode reproduzir relações hierárquicas e de poder em suas interações com os educadores populares, não proporcionando espaços efetivos de diálogo horizontal e valorização mútua de saberes.

Segundo Bourdieu e Passeron (1992 *apud* Vieira; Castaman; Junges, 2021, p. 258) é a ideia de uma pretensa neutralidade do sistema de ensino que lhe confere ares de autonomia em relação aos grupos ou classes sociais. Com isso, a escola assume uma posição de poder justamente por não parecer possuir tal poder. Essa falta de diálogo pode resultar em uma relação assimétrica, em que os educadores populares são apenas receptores de conhecimento, sem espaço para contribuir e influenciar o coletivo.

Chegava lá de fora, no mundo, todo mundo respeitava, todo mundo queria ouvir e no como você fala bem. ‘Nossa, eu gostei daquilo que você escreveu, e quando chegava aqui eu murchava’... Aí eu fiquei pensando assim: Como que eu posso me expressar, como que eu

posso dialogar com o público, né? Com meu espaço, com as coisas que eu acredito de mudança e tal, se eu não conseguir me expressar, entenderam? Imaginem como que foi isso. Então, a partir do momento que eu comecei a não exigir tanto da minha pessoa e me comparar tanto à questão daquele que está em outro espaço, eu consegui me soltar mais e ser mais feliz, mesmo que meus amigos e amigas vem e falem assim: ‘Seu texto não está estruturado’; ‘Ah, meu deus, não está estruturado’; ‘Você trocou o E pelo I’; ‘Olha, o verbo não sei o que...’. Mas eu falo assim: Você entendeu a minha mensagem? Tá entendido? (educadora popular Gláucia Adeniké).

A universidade pode promover espaços de diálogo, encontros e intercâmbios entre educadores populares, acadêmicos e pesquisadores. Esses espaços favorecem a troca de experiências, saberes e práticas, possibilitando um aprendizado mútuo e a construção coletiva de conhecimento. Lucena ressalta que

A gente traz elementos que não seriam colocados se não tiver pessoas desses lugares que a gente quer se inserir, tipo, a periferia, as escolas secundaristas, a universidade, a gente precisa de todo mundo pensando pra poder construir. E eu acho que o processo histórico, o acúmulo de cada pessoa é essencial, não é?! O acúmulo que eu tenho enquanto um cara que veio da periferia, que veio do campo, é um acúmulo fundamental, mas não é um acúmulo que sobrepuje o acúmulo, sei lá, de uma pessoa que tem uma vivência diferente da minha, sei lá, uma galera que é mais da classe média, assim, não sobrepuja o acúmulo que essa pessoa tem. Acho que os dois acúmulos são muito importantes pra gente conseguir construir essa nova sociedade (V. P., 2017 *apud* Lucena; Caramelo; Silva, 2019, p. 300).

Através de parcerias com movimentos sociais, organizações populares e comunidades, a universidade pode desenvolver projetos de extensão que permitam uma maior integração entre o conhecimento acadêmico e a realidade das comunidades. Essas parcerias podem ser uma via de mão dupla, em que os educadores populares também compartilham seus saberes e experiências com a universidade.

E eu gosto muito de dialogar, eu sempre gostei de dialogar com a academia, com os professores. Teve uma vez que eu estava em uma instituição que trabalha com o direito reprodutivo das mulheres, chama coletivo feminista, de São Paulo, e tinha um professor lá da

PUC, e eu levei maior susto quando eu fiz algumas perguntas e ele falou assim: ‘Nossa, mas ninguém tinha me perguntado dessa forma, né? Sua pergunta veio no sentido, assim, contribuir para que eu... pudesse pensar, não sei o que, não sei o que’, não é?! Mas eu não tinha dado importância a minha pergunta, não sei se vocês conseguem entender, eu não tinha, para mim, eu tinha feito uma pergunta, e quando ele reconhece que a minha pergunta contribuiu para alguma coisa, aí eu assusto, falo: ‘Nossa, né? Que bom que a gente’... Porque a gente só [...] enaltece o outro, né? Que está mais dentro, que tem possibilidade de contribuir com a ciência, né? Com a pesquisa, né? Com a produção acadêmica. Então, eu vejo que é sempre um conflito, né? O conflito da liderança que está aqui de fora e que faz a sua opção por isso e que tem a sustentação também da sua militância na academia. Por exemplo, eu fiz especialização de filosofia, filosofia e educação, depois eu fiz outra especialização da sociologia política, depois eu fiz para própria... para enquanto militância, para me ajudar, esse conhecimento me ajudar na minha militância. Depois eu fiz outra especialização, democracia, movimentos sociais e república, na UFMG, aqui, também fiz essa especialização. Fiz na PUC de São Paulo a especialização de gênero, raça e tal, USP, eu fiz na questão da violência. Mas por quê? Eram conteúdos que eu precisava na violência contra as mulheres para academia me ajudar, que a minha ação cada vez mais fosse uma ação consciente, militante técnica (educadora popular Gláucia Adeniké).

A formação acadêmica pode conferir aos educadores populares um maior reconhecimento e legitimidade em diferentes contextos, inclusive perante instituições e políticas públicas. Ao possuírem uma formação acadêmica, os educadores populares podem argumentar de forma embasada, ter acesso a oportunidades de trabalho e participar de espaços de tomada de decisão que exigem certos requisitos formais. No entanto, é importante ressaltar que a formação acadêmica não é o único caminho para se tornar um educador popular efetivo. A experiência prática, o conhecimento local e a escuta atenta às comunidades também são fundamentais. A formação acadêmica deve ser complementada e enriquecida pela sabedoria popular e pelas experiências vividas pelos educadores populares em suas práticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa foi possível perceber que houve muito mais que contribuições dos movimentos sociais para a educação, pois, na realidade, eles foram estruturas basilares para o nascimento do que entendemos hoje por educação popular. O comprometimento dos ativistas foi determinante para o arranjo da superação da visão bancária da educação, na qual, segundo Paulo Freire, o conhecimento é transmitido de forma vertical e depositária, para uma perspectiva que valoriza a horizontalidade, a autonomia e a participação ativa das pessoas envolvidas. Nas falas da educadora popular Gláucia Adeniké, foi possível perceber o trabalho que ela desempenha em sua comunidade, visando à promoção e reflexão crítica sobre a realidade social, a problematização das desigualdades e a construção de alternativas coletivas.

Além disso, a educação popular nos movimentos sociais tem demonstrado ser uma importante forma de resistência e de construção de contranarrativas que desafiam os discursos dominantes e empoderam grupos marginalizados. A Educação Popular tem sido fundamental na luta por direitos, na formação de lideranças, na mobilização popular e na construção de agendas políticas afirmativas. Como observado desde a introdução deste artigo, os movimentos sociais e a educação popular no Brasil estão intrinsecamente ligados, pois compartilham a busca por uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. A educação popular fortalece os movimentos sociais, enquanto os movimentos sociais encontram na educação popular uma ferramenta fundamental para a conscientização, a mobilização e a transformação social.

Buscando sempre compreender a relevância da produção de pesquisas, é importante ressaltar que, enquanto estudante, meu futuro campo de atuação será na Psicologia e acredito ser pertinente estudar as contribuições dos movimentos sociais para a educação, pois, para algumas áreas, a Psicologia nada mais é que compreender o sujeito à luz de suas relações sociais. Portanto, torna-se relevante ampliar o entendimento dos contextos sociais, visando promover uma perspectiva mais inclusiva e engajada, a fim de valorizar as vozes dos grupos marginalizados, bem como trabalhar para a transformação social e a promoção da justiça social na área da Psicologia.

Para conhecer mais sobre a entrevistada, Gláucia Adeniké, acesse o QRcode abaixo e veja o documentário produzido pela Uniube em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig):



REFERÊNCIAS

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. Notas de Campo. In: BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Alegre: Porto Editora, 1994. p.150-175.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.

CATINI, Carolina. Educação não formal: história e crítica de uma forma social. *Educação e Pesquisa*, Campinas, v. 47, 28 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147222980>

CORDEIRO, Betânia; FISCHER, Maria Clara. Por onde caminha o campo investigativo da educação popular? Questões que orientam o debate atual. *Educação em Revista – UFMG*, Belo Horizonte, v. 37, 16 jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698230682>

LUCENA, Hadassa; CARAMELO, João Carlos; SILVA, Severino. Educação popular e juventude: o movimento social como espaço educativo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 49, p. 290-315, 9 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053146754>

MELLO, Janaina Cardoso; FONSECA, Mariana Bracks. Capítulo 8: contribuições dos Movimentos Sociais para a Educação: um estudo do estado do conhecimento. In:

MELLO, Janaina Cardoso de; FONSECA, Mariana Bracks (Org.). *Educação antirracista em movimento: práticas, culturas e reflexões*. Belém: RFB, 2024.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1983.

VIEIRA, Josimar; CASTAMAN, Ana Sara; JUNGES, Mario Luiz. Produtivismo acadêmico: representação da universidade como espaço de reprodução social. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, p. 253-269, 16 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000100014>

